

A young woman with dark hair tied back with a red bow, wearing a vibrant red qipao with a white floral pattern. She is smiling and pointing her right index finger upwards. The background is dark and out of focus.

Diga lá, minha menina:
AFINAL, O QUE É
A CHINA?



Ainda só passaram 60 anos, é cedo para dizer qualquer coisa

Carlos Morais José
hojemacau@yahoo.com

Passam agora 45 anos sobre a Revolução de 1911, mas a face da China mudou completamente. Daqui a 45 anos, no início do século XXI, a China terá ainda mudado mais, transformando-se num poderoso país socialista industrializado.

Mao Zedong (1956)

A REVOLUÇÃO de 1949 cumpre neste 1 de Outubro 60 anos. Para além de ter imposto um regime centralizado, ideologicamente influenciado pelas ideias de Marx e Lenine, a revolução garantiu uma China dirigida realmente por chineses depois de 300 anos de domínio estrangeiro. Daí que as noções de patriotismo e socialismo tenham andado sempre de mão dada nos textos dos fundadores da RPC. Eles sabiam que essa era uma das suas mais importantes vitórias, embora tal não viesse exactamente clarificado nos discursos oficiais.

Assim, desde a invasão manchu, em 1644, que os chineses basicamente nunca controlaram de facto o seu próprio país, subjugado pelos Qing. O período que se seguiu ao derrube da dinastia estrangeira, em 1911, foi atravessado de guerras civis e presença estrangeira em território chinês não se podendo considerar que existia realmente controlo de todo o território, nem a possibilidade de conceber e implementar uma política a nível nacional. Foi, de facto, só em 1949 que os chineses voltaram realmente a dominar o seu país de forma consequente. E este é um dos grandes feitos desta revolução.

Mao Zedong foi um revolucionário, um tirano, um santo. E cada um destes estados corresponde a um período da sua vida e... da sua morte. Enquanto combatente revolucionário, partilhou as dificuldades da guerra com os seus soldados e adoptou uma estratégia contrária aos ditames de Estaline, o que desde então lhe valeu uma má relação com a então "Pátria dos Povos", a URSS. Para o russo, havia a necessidade de controlar as grandes cidades e garantir a organização do proletariado operário. Mas Mao conhecia de outra maneira o seu próprio povo e preferiu a conquista dos campos e a mobilização dos camponeses. Tinha razão e em 1949 conseguiu



entrar em Pequim, depois de três dias numa montanha próxima a reflectir, com a guerra já ganha e a capital conquistada pelas suas forças.

Foi há 60 anos. A seus pés estava a grande China dos seus antepassados, à sua mercê e dos seus homens. Depois de séculos imperiais, eram os representantes do povo que controlavam a Cidade Proibida.

Mao tinha 56 anos, a maioria dos quais passados em grandes privações. Para os chineses e para o mundo, era um grande homem. O pior veio depois, com a metamorfose do revolucionário em tirano. Diz-se que o poder corrompe, por vezes enlouquece e poucas explicações se podem encontrar para determinados comportamentos de

Mao Zedong, sobretudo a partir de 1955, com o lançamento do Grande Passo em Frente, infelizmente na direcção do abismo e da fome. Trinta milhões de chineses, diz-se, pereceram com as dificuldades de uma acção política que privilegiava o ferro à comida. Depois de um breve momento em que parecia querer ceder o passo à criatividade do seu próprio povo dizendo "Que cem flores desabrochem, que cem escolas floresçam", a proposição revelou-se uma mera armadilha para detectar micro-oposições e transmutou-se no banho de sangue, de disparate e de horror que foi a Revolução Cultural e que pintou de vermelho os anos 60.

Um Mao Zedong envelhecido cedeu o passo ao famigerado Bando dos Quatro, encabeçado

pela sua mulher, a sinistra Jiang Qing, ex-actriz fracassada que exercia as suas vinganças pessoais em nome da revolução. Apesar de retirado nos confins de Zhongnanhai, em práticas que estimulavam a mais vívida das imaginações (há quem fale de uma gigantesca cama recheada de livros clássicos e meninas púberes), a importância de Mao viria a revelar-se uma vez mais quando da sua morte, já que o seu desaparecimento significou igualmente o fim do Bando dos Quatro e a subida ao poder de Deng Xiaoping, cuja vida fora várias vezes ameaçada durante a Revolução Cultural.

O pequeno homem, a quem chamam o Grande Arquitecto, foi realmente o criador da China moderna e das reformas que mudaram, desde os anos 80, a face do país. Já durante a Grande Marcha, Deng desempenhara um papel fundamental no desenvolvimento de estratégias militares, havendo quem lhe atribua

o sucesso militar da campanha e a Mao Zedong a capacidade oratória de mobilizar as tropas e o povo. O facto de ter discordado com Mao em vários momentos, como quando insistiu no desenvolvimento da agricultura e não na desenfreada produção de aço, levou ao seu afastamento dos principais lugares do poder e só a repetida intervenção de Zhou Enlai, um dos mais interessantes e misteriosos políticos da Nova China, evitou que o seu destino fosse outro.

E com ele a China enveredou pela abertura ao estrangeiro, pela economia de mercado e pela emergência da propriedade privada. Se a revolução mudou a face da China, as reformas de Deng mudaram a máscara que, afinal, o povo usara durante os primeiros trinta anos. Hoje a China e o seu povo estão irreconhecíveis para quem visitou o país durante os anos 80, por exemplo. E as mudanças prosseguem a um ritmo imparável.

Ainda durante a sua vida, Deng permaneceu à frente dos

destinos do país, desempenhando um papel de árbitro entre as facções que então se formaram e cujo combate aparece descrito no livro de Zhao Ziyang, publicado recentemente. No entanto, Deng Xiaoping introduziu uma regra na vida política chinesa que considero fundamental porque nunca antes se verificara nos países ditos socialistas: o fim do culto da personalidade e a obrigação de ceder o poder após dez anos consecutivos de governação.

Quanto a mim, esta alteração implica o nascimento de facções assumidas no interior Partido Comunista e inaugura uma outra era de combate político, menos desenrolado nos bastidores e mais claro aos olhos do público, mais feito de debate de ideias e menos de manobras escuras de bastidores. A provável constituição e alternância de lóbis em Pequim (ver artigo de Severo Portela nesta edição) vem exterminar a possibilidade de uma liderança monolítica, ridícula e eterna, um dos mais graves pecados dos países da órbita do dito mundo socialista.



O desmoronamento do mundo socialista, em finais dos anos 80, encontra o seu reflexo na China, com os incidentes de Tiananmen. O que começou por ser uma homenagem a um dos mentores da abertura política e económica, Hua Guobang, transformou-se numa luta contra a corrupção, pela reforma do partido e depois pela democracia. Durante meses, os estudantes assentaram arraiais na Praça Tiananmen, acabando por ser massacrados e removidos pela intervenção dos militares, depois da derrota dos liberais de Zhao Ziyang e do reforço das teses dos conservadores, liderados por Li Peng. Mas foi sombra de pouca dura.

Se a era de Jiang Zemin se caracteriza pela garantia da continuidade das reformas e a imposição da China como parceiro incontornável na economia global, Hu Jintao depa-rou-se com novos problemas, causados precisamente pelas alterações económicas. Afinal, se Marx tem razão e a alteração da infra-estrutura económica implica sempre uma alteração superes-

★ Deng Xiaoping introduziu uma regra na vida política chinesa que nunca antes se verificara nos países ditos socialistas: o fim do culto da personalidade e a obrigação de ceder o poder após dez anos consecutivos de governação.

★ O que Hu Jintao encontrou, para além de um crescimento de dois dígitos, foi um país desequilibrado por esse extraordinário crescimento não sustentado, por uma agressão ecológica sem precedentes e por um capitalismo selvagem que gerou riqueza, mas causou igualmente um enorme desnivelamento social, inflação e êxodo do campo para as cidades.

trutural, a organização político-social chinesa terá obrigatoriamente de sofrer modificações. O que Hu Jintao encontrou, para além de um crescimento de dois dígitos, foi um país desequilibrado por esse extraordinário crescimento não sustentado, por uma agressão ecológica sem precedentes e por um capitalismo selvagem que gerou riqueza, mas causou igualmente um enorme desnivelamento social, inflação e êxodo do campo para as cidades.

Daí que tenha introduzido o conceito de “harmonia” e voltado as suas atenções para os gravíssimos problemas ecológicos com que a China se confronta. O país já não voltará a ser o que era se é que alguma vez foi o que era. Afinal, por debaixo das roupas rubras da revolução comunista (de inspiração taoista – vejam-se os símbolos que precedem a entrada de Mao em Pequim), respirava baixinho a China ancestral, confuciana, uma vez mais à espera da sua oportunidade para voltar ao poder. São já sessenta anos de dinastia vermelha. Mas se me perguntarem o que penso da Revolução Chinesa de 1949, responderei como o fez creio que Zhou Enlai, quando interrogado sobre a Revolução Francesa: “Ainda só passaram 200 anos, é cedo para dizer qualquer coisa”.

Com a Revolução Popular, a China recuperou o seu orgulho nacional, matou a fome ancestral do seu povo e agora, com as reformas, tornou-se na terceira economia mundial. Apesar da política do filho único, a sua população aumentou de 600 milhões em 1949 para 1,3 mil milhões no dealbar do século XXI. Com a conquista do espaço, implementada nos últimos anos para grande gáudio e orgulho nacional, o limite já nem parece ser o Céu.

A República Popular na encruzilhada



CONVIDADOS PELO ‘redondo’ da efeméride, tanto tentados pelo desejo de síntese como pelo conforto da minúcia, os média estão hoje de olhos postos na República Popular. A forma sob a qual aparece há já 60 anos, e a única que importa, a China.

Acrescentam-se, a pretexto, estudos, comentários, avaliações, análises, gerais ou particulares, sobre a realidade complexa que é a China hodierna. Todos valem. Mesmo que ecoem banalidades recorrentes, tais como, ‘a China mudou’.

Possamos contribuir, por isso, com uma pretensão de altitude e uma intuição de superfície. E, em jeito de preâmbulo, com um epítáfio. Aquele em que surge gravado - caracteres romanizados - o sinólogo.

Assim como compreendemos, e aceitamos, que o exotismo produziu o Oriente, como diz Edward Said, ‘essa invenção, até certo ponto literária, do Ocidente’, temos de compreender que a importância e o estatuto de uma China assertiva, incontornável, no contexto global, seja sobre que aspecto for, exigem o mesmo que os outros pilares do contexto internacional, num mundo cada vez mais interdependente.

Perdoe-se o devaneio de grandeza, ‘delusional’, mas que sentido teria um lusitanólogo? Admitimos que em tempos de opacidade e isolamento tenha feito sentido, e a vida de muitos, a especialidade de soviétólogo ou de sinólogo. Hoje, em que banda da realidade ou do excepcionalismo operaria um russólogo ou um sinólogo? Para além disso, devemos acautelar, prevenir e salvar, os ainda sinólogos, da inevitável simplificação a que estão sujeitos, principalmente no universo anglo - China kisser/ China basher -, propondo a designação

coerente de ‘sinófilo’. Até porque no mundo civilizado não há sinófbos.



Em vésperas do sexagésimo aniversário da RPC, vamos encontrar, tendo caducado a categorização de estágio emergente, esta potência económica de facto na antecâmara de grandes decisões. A China amorteceu essencialmente os efeitos da crise global através da expansão do crédito para investimentos infra-estruturais, por um lado, e continuando a financiar a dívida americana, por outro. E não ficou à espera que, ultrapassada a crise financeira global, tudo voltasse a ser como antes. Partiu à ‘descoberta’ de mercados alternativos, cativou novos mercados de energia e desencadeou a formação de um lóbi pela substituição da moeda americana como divisa da economia internacional.

Todavia, a maioria dos analistas da economia chinesa são da opinião que Pequim não terá outra solução que não passe pela expansão do consumo interno. Dos cidadãos, das famílias. Passe o exagero da caricatura, a ques-

★ **Os elitistas defendem o reforço, e canalização de recursos, para o modelo de desenvolvimento das zonas costeiras; os populistas, na maioria quadros tirocinados nas províncias do interior, defendem a transferência de mais recursos para Ocidente, mais preocupações ambientais.**

tão é de como transformar 1300 milhões de produtores em 1300 milhões de consumidores. E, aparentemente, chegámos à encruzilhada, redundância propositada, onde os caminhos se bifurcam. Na admirável síntese de Melinda Liu (in Newsweek), competem, de um lado, os populistas, como o próprio Hu Jintao, e do outro, os elitistas, como os da clique de Xangai. Os últimos defendem o reforço, e canalização de recursos, para o modelo de desenvolvimento das zonas costeiras, os populistas, na maioria quadros tirocinados nas províncias do interior, defendem a transferência de mais recursos para o Ocidente, mais preocupações ambientais.

Curiosamente, esta mesma realidade, na óptica de Cheng Li, do Brookings, é o embrião de um futuro sistema bipartidário, em que os *reds* seriam os populistas e os *blues* os elitistas; mas Melinda Liu vê apenas o funcionamento da estratégia de “intra-party democracy”, desenhada por... Hu Jintao.

Como exemplo, e símbolo, Liu chama a atenção para a recolocação da estrela ascendente dos elitistas, Bo Xilai, portanto, um defensor do modelo das ZE como o Vale do Yangtsé e Delta das Pérolas, no mega-município de Chongqing, onde desencadeou a maior operação anti-corrupção dos últimos anos. Bo substituiu precisamente aquele que é agora o homem-forte de Guangdong e uma referência dos populistas: Wang Yang. “O sistema de partido único parece estar sólido para mais 60 anos”, conclui Melinda Liu.

Onde procurar, então, a garantia desta estratégia? Dean Cheng, investigador da Heritage, não tem quaisquer dúvidas que se deve olhar para o EPL. Na grande parada do dia 1 de Outubro, amanhã, vão ser exibidos publicamente 52 sistemas de armas. Entre os quais, drones, como os que operam no Afeganistão, um caça de combate doméstico, o J-10, e, distingue Cheng, o que tem menos potencial junto do público, mas importância decisiva na aproximação assimétrica, os sistemas de comunicações e guerra cibernética. Um quadro de grande complexidade, claro, mas é possível apertá-lo em algumas linhas. Falámos de sistema político, economia, ambiente, energias, defesa.



Concluamos com um pequeno episódio de superfície, onde se cruzam a China, Macau e Portugal. O que seria da revolução portuguesa do 25 de Abril, no âmbito da teoria do efeito borboleta, se Arnaldo de Matos não tivesse passado por Macau? A verdade é que aquele que viria a ser descrito como “Grande Educador da Classe Operária” prestou serviço militar na Ilha de Coloane e, sempre que podia, desenhava-se, creio que é o termo, para estudar o Livro Vermelho de Mao Zedong na Associação Comercial de Macau.

Arnaldo de Matos viria a protagonizar a denominada “Linha Vermelha” do Movimento Reorganizativo do Partido do Proletariado (MRPP), a que derrotou, sem apelo nem agravo, a “Linha Negra” do renegado Saldanha Sanches.

Severo Portela
hojemacau@yahoo.com

Ásia à boleia de uma locomotiva chamada China

"Late in 1978, Deng Xiaoping repeated in a speech an old Szechuan proverb - It does not matter whether a cat is white or black, as long as it catches mice. - Setting aside ideology in favor of pragmatism, this old wily revolutionary began the process of giving the future of China back to its children. Gradually beginning the parallel processes of decollectivization, marketization and opening up to the outside world, Deng Xiaoping unleashed two fundamental forces: the people's latent demand and Chinese entrepreneurial energy."

Supertrends of Future China
James K Yuann e Jason Inch

O **SEXAGÉSIMO** aniversário da fundação da República Popular Chinesa (RPC) marca o fim de um longo período de instabilidade e fragilidade. As seis décadas percorridas fazem da China a terceira potência económica mundial, com o conseqüente peso decisivo no plano das relações internacionais, podendo ser considerada a maior mudança económica da história realizada por um povo e um dos factos mais importantes do presente século.

A China desenvolveu-se sob a direcção do Partido Comunista. A evolução realizada foi complexa, farta de êxitos e fracassos e pode ser caracterizada por dois períodos e liderada por duas personagens. O primeiro, sob a batuta de Mao Zedong e designado de "maoísta", decorreu entre 1949 e 1978, cujas prioridades foram eminentemente políticas, assinaladas por uma mudança acelerada rumo ao comunismo, luta de classes, acções que criaram turbulências sérias na sociedade, que é politizada, atingindo o pico máximo, na última década da sua vida com a Revolução Cultural. O legado do líder não se extinguiu e é parte da conformação da China mantendo-se no futuro por longo tempo. O segundo período, entre 1978 e 2009, inicia-se sob a orientação do grande estratega da mudança Deng Xiaoping, que pode ser considerado como o mentor e impulsor da política de reforma, substituindo as prioridades políticas pelas económicas, tendo em vista a modernização do país. O sistema económico socialista, começa a sua marcha rumo aos princípios do capitalismo de mercado mantendo, todavia, uma forte intervenção estatal e eliminadas as comunas agrícolas. A China sai da pobreza rumo ao progresso.

A política de isolacionismo dá lugar à política de abertura ao comércio externo e investimentos. As relações internacionais passam da forma conflitual a outras mais pacíficas e consensuais. A China obtém um alargado reconhecimento internacional e define um modelo de relações estável com o resto do mundo, em particular com os países vizinhos, tendo em vista realizar o primordial propósito nacional, que é a modernização e o crescimento económico. A inter-relação da China com o mundo, quicá o factor mais importante da política de reforma, sofreu um desenvolvimento

admirável nos últimos trinta anos, rompendo essa tendência ao isolamento que tinha marcado o país durante séculos.

A revolução chinesa foi uma revolução nacionalista, não revestindo as características puras e tradicionais que a possam definir como revolução comunista, dado que o pensamento não era edificar uma sociedade comunista, mas restabelecer a soberania, resgatar a unidade, acabar com a prostração e com as permitidas agressões externas.

O Partido Comunista, através dos seus líderes, adoptou os papéis de regentes, que no passado equivalia aos mandarins,

e tem sido a coluna vertebral do grande processo de transformação económica, que originou uma melhoria significativa nas condições de vida da população, conduzindo à maior revolução económica da história do país.

A China tem crescido a uma taxa média anual de cerca de 10%, nas últimas três décadas de reforma, numa marcha cadenciada, gradual e sem rupturas, não tendo criado condições para a existência de explosões reformistas, semelhantes às ocorridas na Europa de Leste, e que se caracterizaram por privatizações massivas ou liberalizações bruscas de preços. O



★ **As estatísticas do Fundo Monetário Internacional (FMI) e da Organização Mundial de Comércio (OMC) demonstram que a fracção chinesa nas trocas comerciais a nível global octuplicaram desde o início da política de abertura em 1978, o que faz duplicar ou triplicar o crescimento de outras economias no Leste e Sul da Ásia.**

Jorge Rodrigues Simão
hojemacau@yahoo.com



financeiro desde a década de 1930, dando lugar à recessão, sofrendo as economias centrais uma colectiva contracção, as recentes agitações bolsistas mostram a outra face da moeda, dado que Xangai pode criar sérios prejuízos a Nova Iorque, Londres ou Frankfurt. Uma análise em termos de economia internacional onde se encontra inserida, e em relação com o crescimento médio anual de 3,7% em quarenta anos, um recuo de 1,5% no Produto Bruto Mundial (PBM), como o previsto, para o corrente ano é algo de espantoso. Num volume total de 64 mil milhões de dólares, a perda representa pouco mais de 3 mil milhões de dólares. Nunca antes a economia mundial tinha enfrentado uma queda tão grave e repentina.

A China deve tomar plena consciência do estremeção, pois só dessa forma, entenderá a ameaça de recessão ao seu modelo de crescimento baseado na exportação, de forma a não captar mensagens erradas e agarrar-se a estratégias arcaicas, julgando que terá uma reacção de tipo clássico no contorno da procura externa, podendo ser colocada numa posição delicada, face a uma saída firme do palco pós crise, dada a prolongada queda da procura mundial liderada pelos Estados Unidos.

Enquanto a China critica os Estados Unidos pelo seu abissal défice fiscal e vício ao endividamento, que pode reduzir o valor dos seus investimentos em títulos do tesouro americano, vai defendendo uma completa reforma do sistema cambial internacional, mas se insiste demasiado nessa direcção, pode vir a desencadear uma crise do dólar que alargaria, ainda mais, os problemas do défice americano e da crise mundial.

As estatísticas do Fundo Monetário Internacional (FMI) e da Organização Mundial de Comércio (OMC) demonstram que a fracção chinesa nas trocas comerciais a nível global octuplicaram desde o início da política de abertura em 1978, o que faz duplicar ou triplicar o crescimento de ou-

tras economias no Leste e Sul da Ásia. Por outro lado, a China aumentou em 16%, no período de 2001 a 2007, o peso das trocas comerciais em termos de PIB.

Sendo um mercado emergente aberto, o comércio externo atingiu cerca de 65% em termos de PIB, pelo que não está em condições de dissimular alguns efeitos da crise global. Após um sério abalo das exportações, em que o ritmo de aumento do PIB sofreu uma queda de 13,7%, em 2007, para 6,8% no último trimestre do passado ano, e que na última previsão para o corrente ano pode vir a ser de cerca de 9% anuais. O governo tinha reagido, no final do passado ano, com uma vasta série de estímulos, no total de 590 mil milhões de dólares para o biénio de 2009/2010, denominado por projectos de infra-estrutura. O governo pode fazer muito mais para incentivar o consumo interno, pois os efeitos práticos são demorados, numa economia que continua a crescer, ao contrário do efectuado em 1997/1998 e 2000/2001. Os incentivos praticados não são os suficientes para estimular a procura, que teve cerca de 40% de queda em termos de PIB, em 2007.

A China não oferece apenas os estímulos financeiros, mas também adopta acções simétricas noutras partes do mundo, que podem vir a constituir um dos maiores perigos da sua estratégia. Se os consumidores americanos levarem tempo a superar a contracção de gastos e consumo, a China verá fracassados os seus objectivos.

Assim, a previsão geopolítica da sua macroestratégia dirigida às exportações pode vir a ser particularmente paradoxal, se não for cautelosamente estudada e revista. As últimas previsões apontam um crescimento de 8% para o corrente e próximo ano. A grande zona de crescimento será a Ásia, no período de 2010 a 2013, com uma média anual de crescimento de 6%-7%, o que reflectirá a robustez do processo da China, como locomotiva do crescimento da região.



OS NÚMEROS DA RPC

VALORES EM DÓLARES AMERICANOS

- **PIB: \$7.973** biliões (2008 est.)
- **PIB - crescimento: 9%** (2008 est.)
- **PIB - per capita: \$6,000** (2008 est.)
- **PIB - por sector:**
 - agricultura: **11.3%**
 - indústria: **48.6%**
 - serviços: **40.1%** (2008 est.)
- **Força de trabalho: 807.3** milhões (2008 est.)
- **Força de trabalho - por sector:**
 - agricultura: **43%**
 - indústria: **25%**
 - serviços: **32%** (2006 est.)
- **Desemprego: 4%** oficial (2008 est.), podendo na realidade chegar a **9%**
- **População abaixo da linha de pobreza: 8%**
- **Investimento: 40.5%** do PIB (2008 est.)
- **Orçamento:**
 - Receitas: **\$847.8** mil milhões
 - Despesas: **\$861.6** mil milhões (2008 est.)
- **Dívida Pública: 16.2%** do PIB (2008 est.)
- **Inflação (preços no consumidor): 5.9%** (2008 est.)
- **Exportações: \$1.435** biliões (2008 est.)
- **Exportações - parceiros:**
 - US **18.6%**, Hong Kong **12.7%**, Japão **8.2%**, Coreia do Sul **5.1%**, Alemanha **4.2%** (2008)
- **Importações:**
 - \$1074** biliões (2008 est.)
- **Importações - parceiros:**
 - Japão **12.2%**, Coreia do Sul **10%**, US **6.6%**, Hong Kong **4.9%**, Alemanha **4.5%** (2008)
- **Reservas em divisas e ouro: \$1.968** biliões (31 Dezembro 2008 est.)
- **Dívida externa: \$379.8** mil milhões (31 Dezembro 2008 est.)

sistema económico foi sendo lentamente liberalizado e progressivamente também os preços. A propriedade privada nas empresas foi permitida. Sem momento significativo, qualitativo e planeado, a economia passou do modelo socialista para o modelo capitalista, mitigado pelo intervencionismo do estado, onde as empresas estatais representam um papel-chave. Não se pode considerar que a economia chinesa seja socialista, uma vez que grande parte da sua produção é feita em condições de autêntico sector privado e comercializada a preços livres.

Enquanto, o Ocidente sofre o pior desastre

Das “estrelas” ao

Faz trinta anos que um grupo de artistas marchou em Pequim pela defesa da democracia e da liberdade artística. Hoje a arte contemporânea chinesa bate recordes nos leilões ocidentais.

FOI EM 1979, com a crescente rejeição do modelo maoísta, que se observou o nascimento do período histórico fundamental na viragem da Arte Contemporânea chinesa. Um período marcado pelas reformas económicas e sociais implementadas em 1978 por Deng Xiaoping. Foi, ainda assim, um acordar letárgico. Os artistas, apesar de se libertarem dos modelos impostos pelo regime, não foram muito mais além. A escassa informação contribuiu para que cumprissem o desígnio da evolução e que, durante a década seguinte, a arte chinesa vivesse o momento de revisão da matéria dada. Assistiu-se então ao retomar da experimentação dos grandes estilos do início do século XX, nomeadamente o cubismo e o abstracionismo. Os trabalhos da altura já deixavam adivinhar símbolos e mensagens de carácter social. No entanto, os significados foram, muitos deles, encobertos por preocupações estéticas.



ESTRELAS

É no grupo “Stars” que se encontra o “primeiro momento de luz”. Ma Desheng, um dos 12 membros originais do colectivo, escreveria: “Todo o artista é uma estrela (...) Nós chamámos ao nosso grupo ‘As Estrelas’ de modo a enfatizar a nossa individualidade”. Este colectivo, como focos de luz, numa noite onde a uniformidade da Revolução Cultural não dava espaço para a liberdade de expressão, com a maior parte dos seus membros sem treino académico e sem pertencer a qualquer instituição oficial de arte, é responsável por dois momentos em que se quebrou o asfixiamento imposto pelas autoridades. Reza a história que a 27 de Setembro de 1979, depois de lhes ter sido negado o espaço oficial da National Art Gallery, o grupo montou



a sua exposição no parque à volta do edifício, símbolo da arte oficial de Pequim. Pinturas e esculturas dispostas, para todos verem, no espaço público. No dia seguinte a polícia fechou a exposição.

A 1 de Outubro, trigésimo aniversário da RPC, as “Estrelas” responderam com uma marcha de protesto em nome dos direitos humanos. A demonstração, que teve início no Muro da Democracia de Xidan, seguiu até às instalações do governo municipal debaixo das palavras de ordem “Nós exigimos democracia e liberdade artística”.

Finalmente de 23 de Novembro a 2 de Dezembro acontece a primeira exposição no Huafang Studio, no Parque de Beihai em Pequim.

A 24 de Agosto do ano seguinte, depois de se terem organizado numa sociedade reconhecida pelas autoridades, expõem finalmente na National Art Gallery. As autoridades estavam convencidas que a opinião pública ao não compreender as obras as recusaria naturalmente. Tal não aconteceu, com a exposição a suscitar a curiosidade de 200 mil visitantes. A maior parte dos trabalhos do grupo não tinham ‘matéria’ política. Distinguiam-se pelos estilos em oposição ao estilo vigente e isso era novidade suficiente. No entanto, o facto de terem exposto num edifício fruto da revolução cultural teve um carácter político. O grupo cessaria a sua existência em 1983, tendo nove deles emigrado para o estrangeiro. Ai Wei Wei, hoje uma das mais importantes referências na arte mundial, foi o primeiro a sair, em 1981, para os Estados Unidos.

★ As exposições eram organizadas furtivamente, sem publicidade, e habitualmente duravam apenas algumas horas, até à polícia chegar. Nesses dias a maior parte dos artistas ainda vivia em condições desesperantes, marginalizados economicamente e socialmente.

França, Inglaterra e Japão foram outros dos destinos escolhidos pelos “Stars”. O grupo foi a grande referência para a criação de diversos movimentos experimentais de arte com origem em diversas cidades. As exposições de arte experimental passaram a ser organizadas em todo o tipo de espaços. No início de 1986, o movimento nacional “85 Art New Wave”, que reunia artistas de vários pontos do país, oriundos das mais diversas sociedades vanguardistas de arte, tentou voltar a usar o mesmo espaço, para uma exposição nacional de arte experimental.



A ARTE NÃO VOLTA ATRÁS

A espera demorou três anos. A “China/Avant-garde” inaugurou a 5 de Fevereiro de 1989. A noção tradicional da exposição nacional cumpria um desígnio maoísta. A entrada da National Art Gallery foi transformada na inauguração com uma longa tapete com o

sinal rodoviário de proibição de inversão do sentido de marcha. A mensagem era clara, não havia como voltar atrás.

A performance de Xiao Lu e Tang Song, na qual Xiao disparou ao vivo contra uma cabine telefónica que continha uma fotografia de Tang em tamanho real, provocou a imediata detenção de um dos artistas, tendo-se o outro entregue mais tarde às autoridades. Ambos foram libertados três dias depois, quando foi descoberto que a pistola usada estava registada no nome de um oficial importante e que ambos os artistas também eram filhos de altas figuras de Estado. O incidente resultou no fecho forçado da exposição. Tornava-se claro que o governo permanecia muito sensível a qualquer arte que lhe estivesse em oposição ideológica. Três meses depois muitos dos seus organizadores e artistas participaram nas demonstrações do 4 de Junho. A exigência de reformas estruturais com vista à democracia encontrou uma rápida resposta negativa que resultou num banho de sangue.

O pós-Tiananmen trouxe o experimentalismo da ‘East Village’, a ‘Pop Política’ de Wang Guangyi e a escola do ‘Realismo Cínico’ de Fang Lijun.

As exposições eram organizadas furtivamente, sem publicidade, e habitualmente duravam apenas algumas horas, até à polícia chegar.

Nesses dias a maior parte dos artistas ainda vivia em condições desesperantes, marginalizados economicamente e socialmente. O período seguinte é caracterizado pela mu-

estrelato

José Drummond
hojemacau@yahoo.com

60 ANOS EM GRAFFITIS

Maria João Belchior
em Pequim

dança do experimentalismo de grupo para o individual. Esta mudança estrutural deu uma nova direcção à arte chinesa sistematizando-a e normalizando-a. Deixou de ser experimental para ser contemporânea. Em vez de perseguir uma revolução cultural, artistas e comissários interessaram-se em criar fundações sociais que garantissem exposições regulares e assim se reduzisse a interferência das autoridades.

Um número crescente de espaços expositivos começou a aparecer como consequência da transformação sócio-económica do país. Ao mesmo tempo iniciava-se a globalização da arte chinesa. Comissários e galeristas do Ocidente, Hong Kong e Taiwan começaram a interessar-se cada vez mais pelo que se passava.

A aparição de artistas chineses na Bienal de Veneza, em 1993, foi o primeiro grande acontecimento de divulgação no Ocidente. A cobertura por parte de revistas da especialidade, como a Flash Art, ou de generalistas como o New York Times, garantiu a explosão de popularidade junto de um público mais vasto.

A persistência de galeristas em Pequim e Xangai atraiu colecionadores estrangeiros e os artistas chineses começaram a ter uma visibilidade crescente. Alguns artistas passaram a residir no estrangeiro e as representações em Bienais e outros palcos da arte contemporânea começaram a suceder com uma frequência cada vez maior.



O ESTRELATO

Trinta anos depois da demonstração do colectivo Stars percebe-se que, ao contrário do que se poderia esperar, a China produziu nos últimos trinta anos uma geração de artistas que mostra ter pouco interesse na pobreza e no capitalismo, preferindo, na sua maior parte, nomear assuntos de carácter pessoal e social em vez de assuntos de carácter político e económico.

A arte é hoje mais do que tudo um negócio que permite às autoridades controlar o produto de venda. “Se não os vences, junta-te a eles” parece ser o mote de ambas as partes. As exposições continuam a ser canceladas, mas não necessariamente as mais transgressivas. Os artistas são agora muitas vezes convidados para realizarem obras de estado, Ai Wei Wei e o “Ninho de Pássaro” é um exemplo, embora isso não impeça que as autoridades tenham encerrado os seus sites sobre Sichuan. Os fenómenos dos distritos culturais, com o 798 a encabeçar a lista, é outro dos exemplos de uma certa abertura por parte das autoridades.

Por outro lado os artistas chineses continuam a bater recordes de vendas nos leilões da Sotheby's e da Christie's tendo em muitos casos visto o seu produto receber uma valoriza-



A primeira exposição dos Stars em 1979 no parque ao lado da China Art Gallery, em Pequim



A manifestação dos Stars, a 1 de Outubro de 1979. Fotografia da Newsweek com Ma Desheng ao centro



Ma Desheng no Muro da Democracia, Pequim, 1 de Outubro de 1979

ção sem par nos artistas ocidentais. A pintura “Mask Series N°6”, de 1996, de Zeng Fanzhi, detém o recorde dos contemporâneos chineses com o valor de 9,7 milhões de dólares americanos, atingido a Maio de 2008. O prestígio actual da arte contemporânea chinesa é associado ao conceito de grandeza e lucro. “Size Matters” e “Profit Margin” são os conceitos por parte deste dinamismo, que parece ser a sua grande vitalidade. Nada escapa à globalização. Nem a arte. Nem as estrelas.

FORAM PINTADAS com um intuito.

As paredes do Instituto de Tecnologia de Pequim tornaram-se mais coloridas nos últimos meses. Ao longo de mais de quinhentos metros, os muros exteriores do Instituto foram o local escolhido para “festejar a China”.

Arte urbana, graffiti ou novas pinturas murais, as cores ao longo das paredes não deixam ninguém indiferente. Junto à Terceira Circular de Pequim, a parede com graffiti é visível para milhares de pessoas que todos os dias atravessam aquela estrada de carro.

Embora na China, como em muitos outros países, seja proibido pintar paredes fora das áreas delimitadas, os graffiti no Instituto de Tecnologia vieram para ficar. Parte de um novo conceito de arte urbana que aos poucos se começa a aceitar, são o resultado de um projecto aberto em Junho a jovens que se juntaram com um motivo – pintar os 60 anos da China.

Esta não foi a primeira vez que o município de Pequim ofereceu espaços da cidade à criatividade dos habitantes. Em 2008, alguns espaços foram cedidos a artistas de graffiti para comemorarem a realização dos Jogos Olímpicos através da sua arte. Ainda a dar os primeiros passos, esta forma de representação urbana ganha cada vez mais adeptos nas cidades chinesas.

Para o motivo do aniversário dos 60 anos, além de alguns artistas já profissionais, muitos jovens estudantes aderiram ao projecto. No total foram mais de cem os participantes que decoraram as paredes do Instituto. Além do espaço livre na parede, os organizadores do evento ofereceram aos participantes o material para as pinturas.

Depois de em Junho se ter dedicado inteiramente um dia a pintar os muros do Instituto, os graffiti só agora voltam a chamar a atenção e os guardas de Pequim revezam-se no trabalho de guardar a longa parede de meio quilómetro.

Casais de noivos, estudantes e turistas de passagem não resistem a tirar uma foto das pinturas. Mas entre os quinhentos metros de muro pintado, duvida-se sobre que pintura escolher. Indo buscar influência a algumas pinturas murais dos tempos maoístas, há graffiti a recordar as figuras dos anos 50 e 60. Reflexo da modernidade que Pequim quer imprimir, os graffiti temáticos vão-se espalhando cada vez mais pela cidade.

A marcar o sexagésimo aniversário, Pequim vai poder testemunhar o maior espectáculo de fogo de artifício do mundo e a maior parada militar da história da República Popular. Mas se alguns dos acontecimentos marcados para dia 1 de Outubro prometem ser inesquecíveis, também os graffiti comemorativos vieram para ficar. O Instituto de Tecnologia de Pequim vai ficar como anfitrião dos exemplares desta forma de arte de rua que comemorar a República Popular da China nas suas seis décadas de existência.



YAO JINGMING, PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA NA UNIVERSIDADE DE MACAU

“A expressão pela internet já constitui



ANTÓNIO FALCÃO | BLOOMLAND.CN

O que representa para si a data de 1 de Outubro de 1949?

Para a China esse dia representa um ponto de enorme viragem, uma despedida da decadência que se iniciou depois da Guerra do Ópio, um reencontro com o seu destino glorioso que teve na história, mas para mim significa que tive de nascer e crescer sob a bandeira vermelha.

Para além da língua portuguesa, que outro tipo de estímulo cultural tenta fazer chegar aos seus alunos na Universidade de Macau?

A língua e a cultura são dois elementos inseparáveis sendo a língua um dos sistemas de expressão da cultura. Por isso, o estí-

mulo cultural foi sempre essencial para os aprendentes de língua conhecerem-na por dentro, já que somente a aprendizagem de estruturas linguísticas não assegura o bom domínio da língua. Por isso, gosto de alertar os alunos para a importância da leitura, especialmente de autores clássicos, acto esse que contribui muito para descobrirem um novo mundo dentro do mundo, para além de aumentarem os seus conhecimentos linguísticos e culturais.

A China é um país multicultural. Principalmente nos últimos 30 anos, o governo tem insistido nas profundas transformações sociais que têm trazido uma série de aberturas económicas, sociais e culturais.

Como observa esta grande evolução da RPC, até aos nossos dias, nomeadamente no campo cultural?

Devido à política inteligente de reforma e abertura lançada por Deng Xiaoping, a China saiu do encerramento sobre si mesma tendo conhecido enormes transformações a nível político, social, económico e cultural nestes últimos trinta anos. Embora ainda haja pobreza em algumas zonas relativamente atrasadas, os chineses em geral já deixaram de passar fome, o que constitui um êxito impressionante, uma vez que ao longo da história chinesa a fome e a pobreza foram quase sempre o motivo principal dos distúrbios sociais. Os camponeses aderiram-se à revolução não pelo objecti-

vo idealista mas sim principalmente pela fome. Muitos da geração dos meus pais e até da minha geração ainda mantêm viva a memória da fome.

Felizmente uma realidade já ultrapassada...

Sim, mas hoje em dia, para além de terem estômagos cheios, muitos chineses ficaram ricos e está a formar-se uma classe média. O facto de as lojas de luxo em Macau viverem dos turistas do continente chinês, está a provar isso. Quanto à cultura, apesar de ainda existirem tabus, por exemplo muitas questões sensíveis ainda são interditas de “tocar”. Efectivamente há cada vez mais espaços livres para a expressão literária e

uma força cívica irresistível”

Helder Fernando
hojemacau@yahoo.com

artística e o sistema político parece mais tolerante, por exemplo, na pintura vanguardista, a figura de Mao chegou a ser aproveitada para fazer ironia ou crítica à sociedade, o que constituiria evidentemente uma questão de vida ou morte no período do isolamento.

Talvez ainda haja algumas medidas por realizar...

É de reconhecer que a China ainda tem muitas tarefas a cumprir, especialmente no sentido de acabar com a corrupção que está a deteriorar a alma e o corpo do Estado, bem como de encontrar um caminho correcto para ser mais democrático e mais livre. Por enquanto, a China é apenas uma potência a nível económico e comercial, aliás à custa do suor de tantos trabalhadores com um humilde rendimento, e tem que preceder às reformas mais profundas para ser uma potência em todos os aspectos.

A tradição cultural chinesa tem uma história longa e original. Concorde que essa circunstância não impede que a política cultural chinesa tenha como um dos objectivos mais importantes integrar-se cada vez mais abertamente na comunidade internacional?

Entre as quatro civilizações mais antigas do mundo, apenas a civilização chinesa conseguiu resistir às viragens do tempo sem ser eliminada ou alterada radicalmente, mantendo-se sempre contínua e coerente na sua evolução. Hoje em dia, ainda utilizamos os mesmos caracteres que Confúcio utilizava há mais de dois mil anos. Os chineses podem ser separados uns de outros pelas fronteiras políticas ou geográficas, por exemplo o caso de Taiwan, mas somos unidos culturalmente. Quanto à integração da China na comunidade internacional, é primeiramente o crescimento económico que tornou a China mais integrada nessa grande. Hoje em dia, em qualquer parte do mundo, é muito fácil encontrar produtos “Made in China”, o que provoca certamente o interesse de muita gente pela China. Por isso, em todo o mundo há cada vez mais pessoas a aprender a língua chinesa, simplesmente com o objectivo de “fazer um negócio da China”, ou simplesmente fruto da admiração pela cultura chinesa. É certo que a China percebe bem que a cultura pode contribuir para a sua integração na comunidade internacional, por isso está a fazer esforços para divulgar a sua cultura. Afinal, a cultura de um País é um passaporte que conhece pior as fronteiras e que mais ajuda para a compreensão mútua entre os diferentes povos.

Essa integração cada vez mais crescente e influente, será apenas uma questão de estratégia tendo em vista a construção económica, ou haverão mais motivos? Em termos de divulgação da sua cultura no mundo, Portugal tem conseguido muito sucesso podendo servir-se do mestre da China

que, no meu entender, ainda tem muito a aprender. Na realidade, o rápido crescimento económico, o sucesso da realização dos Jogos Olímpicos em Pequim e a vindoura Expo 2010 em Xangai, bem como outros factores favoráveis estão a fazer da China uma moda no mundo, o que constitui uma boa altura para a China apostar mais na divulgação da sua cultura. Além disso, graças ao desenvolvimento económico, a China tem capacidades de dedicar mais recursos financeiros à promoção cultural. É claro que a cultura e a economia são complementares. Além disso, em muitos casos, a cultura também serve para atenuar as pressões políticas que vêm de fora. Apesar disso, não vejo outro motivo obviamente político ou económico na estratégia cultural da China senão o de melhorar a imagem do país e aumentar o seu entendimento por parte do mundo.

O impacto do Instituto Confúcio, a nível internacional, é evidente. Tem sede em Pequim, mas espalha-se por muitas partes do mundo, incluindo em Portugal... Que comentário faz a esta realidade?

Hoje em dia a cultura constitui um “soft power”. Não basta ser apenas forte na economia, tendo que ser igualmente influente na cultura e pela cultura. Consciente desta importância, a China não só exporta brinquedos, sapatos, camisas..., mas também começou a exportar a sua cultura, que tem melhor qualidade do que muitos dos seus produtos exportados. E o Confúcio é uma boa marca que assegura essa qualidade.

Haverá alguma forma de regresso ao Confucionismo, não já como filosofia oficial, mas com muitas adaptações aos dias de hoje?

Apesar de o confucionismo constituir os traços fundamentais para a moral dos chineses ao longo da história, verifica-se, particularmente após a Grande Revolução Cultural, uma falta e negligência dos valores confucionistas, tais como Ren (humanidade), Yi (rectidão), Xin (confiança), facto esse que está a causar graves problemas sociais para um país onde a crença vermelha, anteriormente valorizada e enraizada, entrou em cegueira e a procura da fortuna ocupa cada vez mais a vida das pessoas. Em virtude disso, está a ocorrer um regresso ao Confucionismo, que tem feito nascer numerosas publicações, programas televisivos ou palestras destinadas à sua divulgação. É muito positivo recuperar os valores de Confúcio. No entanto, o confucionismo não é remédio santo para salvar o moral dos chineses devendo ser vitalizado e renovado com os modernos valores universais, visto que nos pensamentos confucionistas também existem coisas negativas que alimentam o lado obscuro da humanidade. Por outras palavras, deve-se tomar-lhe a essência e jogar a escória. Os chineses de hoje, em vez de serem passivamente os “bons filhos” das autoridades por fora e dos pais em casa, como Confúcio insiste em instruir, devem tornar-se verdadeiros cidadãos que estão bem conscientes dos seus direitos e responsabilidades e os defendem.

Nos tempos de hoje, um intelectual, um homem de cultura como o Professor, como observa a dicotomia produção artística-liberdade de expressão?

Provavelmente a produção artística é mais “suave” sendo geralmente limitado aos pequenos grupos de pessoas. Mas devido à generalização da internet, a liberdade de

expressão está a alargar o seu reino porque a internet, mesmo controlada, sabe como ultrapassar as barreiras. Actualmente, a expressão pela internet já constitui uma força cívica irresistível para desembocar opiniões ou críticas, bem como para supervisionar as acções governativas. Até houve funcionários corruptos “descobertos e apanhados” na internet.

As excelentes relações que a RPC mantém com os países de língua portuguesa, reflectem-se também em Macau. O senhor, como experiente docente da língua portuguesa, é testemunha directa e elemento ativo nesse amplo universo da lusofonia. Ela, a chamada lusofonia, tem bom futuro na RAEM?

Realmente, as excelentes relações que a China tem com os países de língua portuguesa reflectem-se em Macau, especialmente através do Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa. No entanto, eu pessoalmente não vejo muito necessário desenvolver as relações entre a China e os países lusófonos através de Macau. É mais eficaz e frutuoso os países em questão desenvolverem as suas relações directamente. Não faz muito sentido dar uma volta por cá ou fazer simplesmente coisas protocolares. O que Macau pode fazer mais consiste em aproveitar as suas condições e vantagem para ser um centro de formação de pessoas bilingues qualificadas, chineses e dos países lusófonos, de quem a China e o mundo lusófono muito necessitam para satisfazer às necessidades do crescimento cada vez maior das suas relações comerciais. Penso que é isso que Macau deve fazer para o universo da lusofonia.



Duas línguas num poeta

EM 17 anos de Macau, este poeta das línguas chinesa e portuguesa, mantém a mais que perfeita discrição. Afável, observador atento, sorriso pronto e palavra amiga, Yao Jingming veio de Pequim até Macau em 1992, sempre exercendo funções de âmbito cultural. Apreciador de tertúlias intelectuais despretensiosas, sejam elas entre amigos de língua portuguesa ou de língua chinesa. Com 41 anos de idade, aprecia experiências que o possam enriquecer social e culturalmente. Por exemplo, há cerca de dez anos, na mini-série televisiva “Dragão de Fumo”, de José Carlos Oliveira, com base na novela de João Aguiar, com ação desenrolada em Macau pouco antes da transferência de administração, interpretou a personagem de um galã, médico do Hospital Conde de S. Januário, que tem um caso com uma curiosa portuguesa perseguida por uma sociedade secreta.

Outra incursão deste docente de língua portuguesa na Universidade de Macau, é pelo

universo das artes plásticas como a fotografia – com várias exposições – ou criando instalações, como a que em Fevereiro deste ano foi inaugurada no espaço da “Creative Macau”.

Poeta, escrevendo directamente para portugueses ou chinês, tem vários livros publicados e é colaborador de muitos saraus de poesia. “A poesia torna possível uma coisa impossível”, já o declarou. Estão publicadas traduções suas de grandes nomes das letras portuguesas, como Fernando Pessoa, Eugénio de Andrade, Sophia de Mello Breyner ou Alberto Estima de Oliveira. Já afirmou por mais do que uma vez que o poeta de língua portuguesa que melhor o conquistou foi Eugénio de Andrade, de quem editou uma antologia que obteve algum sucesso na China continental. Em 2006, precisamente pelo que desenvolveu em prol da divulgação cultural, o professor Yao Jingming foi condecorado com a Ordem Militar de Santiago de Espada, atribuída pelo Presidente da República Portuguesa.

H.F.



MGM  MACAU GRAND.
美高梅金殿



Congratulations
on the 60th Anniversary
of the People's Republic of China

HOTEL ENQUIRIES (853) 8802 8888 WWW.MGMGRANDMACAU.COM

A VENETIAN MACAU, S.A. ASSOCIA-SE AS COMEMORAÇÕES DO
60º ANIVERSÁRIO DO ESTABELECIMENTO DA
REPÚBLICA POPULAR DA CHINA



VENETIAN MACAU LIMITED

Sands
Macao


THE
VENETIAN
Macao ~ Resort ~ Hotel



AT FOUR SEASONS HOTEL MACAO

O caminho adiante

Arnaldo Gonçalves
hojemacau@yahoo.com

A REPÚBLICA Popular da China comemora neste 1 de Outubro sessenta anos sobre a sua fundação, como regime socialista, quando da varanda de Tiananmen, o seu fundador – Mao Zedong – anunciou que a China ganhara a guerra civil contra Chiang Kai Shek e decretou a fundação da República Popular, perante a relativa incredulidade da comunidade internacional.

A comemoração é fundamentalmente litúrgica e serve, na ritualística tão cara ao regime chinês, para fazer a ligação entre o legado do passado, o presente e a projecção no futuro. Servirá, também, como é habitual nesta teatralização política, para dar indicações, mais ou menos claras, do estado da arte do processo de sucessão dos líderes partidários, confirmando (ou não) se os nomes que se especulam, desde há um ano, são aqueles que sobem a postos cimeiros do Estado e do Partido.

Nestes 60 anos, a China mudou, manifestamente, para melhor e integrou-se com serenidade e já sem propósitos revolucionários na comunidade das nações. Transformou-se numa nação do status quo, o que não deixa de ser curioso num país que ainda tem na sua Magna Carta a ditadura do proletariado e a solidariedade internacionalista dos proletários de todo o mundo. Mas essa imagística de exaltação comunista tem um carácter mais nostálgico do que efusivo e serve, sobretudo, para legitimar a liderança, convencendo os chineses que sozinhos, sob a liderança do PCC, foram capazes de enormes realizações e que, no mesmo pé, poderão atingir o objectivo de progresso e desenvolvimento social, almejado pelo seus fundadores.

E se a China é dificilmente imaginável como um país unitário, mas outrossim como uma federação de nações com costumes diversos, línguas e maneiras de estar distintas e, outra vez, crenças religiosas próprias, também as elites que a governam são dificilmente enquadráveis no colectivo coeso e disciplinado, à boa tradição leninista. Apesar do valor emblemático de motos como a “harmonia” e o “centralismo democrático”, a compita entre grupos e facções faz o dia a dia do Partido Comunista Chinês. Mas com uma diferença significativa: a substituição dos líderes já não se faz no resultado de uma depuração interna, sangrenta e traumática, mas de forma pacífica, planeada e mais ou menos previsível. Há quem afirme que o legado revolucionário do idolatrado Mao Zedong morreu em cada etapa do processo de sucessão e que os seus herdeiros ideológicos, de hoje, pouco têm a ver com o grupo de agitadores revolucionários que rodeavam Chen Duxiu, quando este fundou o partido, em Xangai, no distante mês de Julho de 1921. Da direcção revolucionária que venceu a guerra civil - Mao, Zhu Enlai e Zhu De - a liderança mudou para as mãos dos pragmáticos dirigidos por Deng Xiaoping, assegurando a ruptura com o maoísmo, a “abertura ao exterior”, a reconciliação com o Ocidente e a assunção do mercado como motor do sistema económico da China. Depois o poder passou para Jiang Zemin,



responsável pela desmontagem do sistema de planificação central, pela entrada das empresas de capital estrangeiro e pela acessão da China à Organização Mundial de Comércio. Das mãos de Jiang o poder passou para Hu Jintao, o último líder a ser designado por Deng, cuja história pessoal bem simboliza as truculências da Revolução Cultural, o choque com a realidade do processo de desenvolvimento e a convicção técnica que todos os problemas são questões com solução à vista, equacionáveis na prancha ou através da folha de cálculo. A Quinta Geração, cujo lançamento a responsabilidades de direcção está em franca aceleração, simboliza a última etapa deste processo - calculado - de sucessão partidária, com a subida de Xi Jinping de vice-presidente da República a vice-presidente da Comissão Político-Militar do Comité Central, de Li Kejiang a sucessor de Wen Jiabao no Conselho de Estado e de Wang

Qishan a posição, também, de relevância. Como afirma Cheng Li, especialista de política interna chinesa no Brookings Institution, este movimento tem um outro significado: a passagem do leme do poder, da direcção tecnocrática de Hu Jintao (onde oito dos nove membros do Politburo são engenheiros) para um grupo de estrelas em ascensão, aparentemente mais sensíveis às questões sociais e onde preponderam graduados e doutorados em economia, história, ciências sociais ou direito. No essencial, do ponto de vista estrutural, a charneira do poder não mudará, continuando fundada no tríptico Partido-Estado-Comissão Político-Militar, mas há mudança de protagonistas e de estilos, ditada pela necessidade de encontrar novas respostas para a grandeza dos problemas com que a China se confronta e para o estatuto de grande potência que ambiciona. Não sou profeta e é difícil antever o que

Deng Xiaoping

- Ruptura com o maoísmo
- “Abertura ao exterior”
- Reconciliação com o Ocidente
- Mercado como motor do sistema económico da China.

Jiang Zemin

- Desmontagem do sistema de planificação central
- Entrada das empresas de capital estrangeiro
- Acessão da China à OMC

Hu Jintao

- Direcção tecnocrática (oito dos nove membros do Politburo são engenheiros)

Quinta Geração

- Preponderam graduados e doutorados em economia, história, ciências sociais ou direito.

estas mudanças trarão de significativo quando se consumir a substituição da actual equipa dirigente, daqui a três anos. Mas essa transição para dirigentes de uma nova geração que já não fizeram a Grande Marcha, nem viveram as glórias do socialismo científico não significa, automaticamente, a abertura do sistema monopartidário, a democratização do regime, a liberdade de expressão, de reunião ou de manifestação, ou a mudança do estado opaco para o estado liberal-democrático.

Essa transição é impossível sem um abanão violento no sistema de representação, sem a partilha de poder pelos comunistas com outras forças políticas, que de forma ainda incipiente tomam forma, dentro e fora do território da China. A China está, provavelmente, no ponto em que estava a Hungria em vésperas da queda do Muro de Berlim: usufrui de algumas liberdades individuais que chamamos de primeira geração, mas encontra-se privada das liberdades sociais e de participação cívica, como por exemplo a eleição livre e competitiva dos representantes políticos do povo chinês. Ao invés da crença cientificista do marxismo que ainda inspira o pensamento dos dirigentes chineses, a realidade social não é manipulável como se tratasse da amostra de um organismo vivo, segmentável em pedaços e colocada na lamela de uma qualquer microscópio electrónico, para ser exposta ao choque de compostos químicos. A engenharia social global foi, como a história do século XX tragicamente documenta, um retrocesso ao tempo das cavernas e à metade animal da natureza humana. A China está ainda verde para o seu Gorbatchov e é provável que assim permaneça por mais algum tempo. O que não significa perda da esperança.



Congratulations

on the 60th Anniversary

of the People's Republic of China



Wynn MACAU

wynn macau, rua cidade de sintra, nape, macau tel (853) 2888 9966 wynnmacau.com